

GÊNESE DO PENSAMENTO TAYLORISTA SEGUNDO O MÉTODO MATERIALISTA DA HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO

Leandro Theodoro Guedes¹
Elcemir Paço Cunha²
Henrique Almeida de Queiroz³

RESUMO

O ensaio tem por objetivo analisar criticamente o método materialista na explicação da gênese do pensamento taylorista na área de história da administração. Entende-se a gênese como aspectos ligados ao terreno econômico-social que evidenciam as razões pelas quais surgem uma formação ideal particular. A partir da análise, foi possível observar que autores materialistas mais reconhecidos no campo da história da administração (Hanlon e Marshev) não desenvolveram integralmente os elementos de gênese de acordo com o materialismo. Esses elementos foram mais bem explicados em Braverman e na Teoria do Processo de Trabalho, e em autores críticos a essa linha. Destacam-se aspectos como a luta de classes, a adequação do taylorismo ao capital monopolista e o problema do processo de trabalho. Foi possível observar que no interior do materialismo nem todas as contribuições se dedicam, de fato, à explicitação dos aspectos determinantes da gênese, havendo, contudo, avanços significativos para essa determinação.

Palavras-Chave: Materialismo; História do pensamento administrativo; Pensamento taylorista.

GENESIS DEL PENSAMIENTO TAYLORISTA SEGÚN EL METODO MATERIALISTA DE LA HISTORIA DE LA ADMINISTRACIÓN

RESUMEN

El ensayo tiene como objetivo analizar críticamente el método materialista para explicar la génesis del pensamiento taylorista en la historia de la administración. Se entiende por génesis los aspectos vinculados al terreno económico-social que ponen de relieve las razones por las que surge una determinada formación ideal. Del análisis se pudo observar que los autores materialistas más reconocidos en la historia de la administración (Hanlon y Marshev) no desarrollaron los elementos de la génesis de acuerdo con el materialismo. Estos aspectos se

¹Doutor em Administração pela Universidade Federal de Viçosa.

²Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais.

³Doutor em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.

explican mejor en Braverman y en la Teoría del Proceso de Trabajo, y en autores críticos con esta línea. Destacan aspectos como la lucha de clases, la adecuación del taylorismo al capital monopolista y el problema del proceso de trabajo. Se pudo observar que dentro del materialismo no todos los aportes están, efectivamente, dedicados a explicar los aspectos determinantes de la génesis, aunque ha habido avances significativos hacia esta determinación.

Palabras clave: Materialismo; Historia del pensamiento administrativo; Pensamiento taylorista.

GENESIS OF TAYLORIST THOUGHT ACCORDING TO THE MATERIALIST METHOD OF MANAGEMENT HISTORY

ABSTRACT

The essay aims to critically analyze the materialist method in the explanation of the genesis of Taylorist thought in management history. Genesis is understood as the aspects linked to the economic-social terrain that highlight the reasons why a particular ideal formation arises. From the analysis, it was possible to observe that the most recognized materialist authors in the history of management (Hanlon and Marshev) did not develop the elements of genesis according to materialism. These aspects were better explained by Braverman and the Labour Process theory, and by those authors who criticize that line. Aspects such as the class struggle, the adaptation of Taylorism to monopoly capital and the problem of the labor process stand out. It was possible to observe that within materialism not all contributions are dedicated, in fact, to the explanation of the determining aspects of genesis, although there are significant advances in this determination.

Keywords: Materialism; History of management thought; Taylorist thought.

INTRODUÇÃO

O estudo da história das ideias administrativas tem mobilizado diferentes correntes teóricas. Especialmente, a história do pensamento administrativo se debruça sobre a forma como surgiram estas ideias, como se difundiram, exerceram influência na materialidade e outras questões relacionadas. Este problema mobilizou autores no Brasil (Motta; Vasconcellos, 2011; Ramos 2009; Tragtenberg 1974) e em outros países (Bowden, 2020; Duncan, 2015; George, 1972; Pollard, 1974; Witzel, 2012; Wren; Bedeian, 2017). Tais autores se voltaram para os mais diferentes objetos de estudo, sendo o taylorismo uma preocupação recorrente.

Dentre as correntes que investiram sobre a problemática, encontra-se o “materialismo” em sua diversidade, identificado em geral como marxismo. Inclusive, a história é, talvez, o elemento mais global do materialismo, sobretudo em sua versão inspirada no chamado

“materialismo histórico”. Para essa corrente, pois, a problemática da gênese das ideias foi reconhecida em seu caráter incontornável.

Podemos mesmo dizer que há uma diferença específica do método materialista em comparação com outras abordagens. Por “método”, entendemos aqui não apenas os procedimentos metodológicos, mas o direcionamento geral da atenção do analista aos fatores explicativos essenciais da gênese de uma formação ideal, a exemplo do pensamento taylorista. Há evidências de que, por exemplo, o método gerencial tende a orientar a atenção para a personalidade de Taylor e para a exaltação de suas ideias (Wren, 1972). O método pós-moderno, como escreveram Cummings et al. (2017), orienta a atenção do analista para os fatores “legais ou políticos e sócio-políticos contextuais” (p. 111) como explicativos daquele ideário. É decisivo ter clareza quanto às diferenças específicas desses métodos. E há razões importantes para isso em pelo menos duas direções.

Numa primeira direção, compreender a importância dos aportes das análises calcadas no materialismo é contributivo na medida em que os autores mais reconhecidos internacionalmente no campo da história da administração, como Bowden (2020) e Muldoon (2020), alimentam uma visão limitada, senão distorcida, acerca do marxismo. Além de entender apenas Gerard Hanlon como representante desta corrente, admitem posições de representantes dessa corrente que, como veremos, encontram-se pouco aderentes ao que melhor se desenvolveu no estudo marxista da gênese do pensamento taylorista. Também entendemos que há uma literatura ligada ao materialismo que é significativa ao estudo da história do pensamento administrativo, mas que, por motivos variados, não é visitada como poderia pela produção acadêmica da área. Jogar luz, pois, sobre a diferença específica desse método materialista, e sobre a literatura que o expressa reta ou obliquamente, contribui em variadas direções para o avanço da pesquisa histórica a respeito do pensamento administrativo.

Em uma segunda direção, trata-se de reconhecer que o pensamento taylorista é uma forma de consciência de notórias repercussões. É sabido, por exemplo, o quanto o taylorismo ganhou diferentes formas a partir de sua difusão por meio de continuadores de Taylor, cabendo

o destaque para o que ficou conhecido como “administração científica”. Também é importante dizer que a sua difusão provocou resultados distinguíveis, a exemplo de Lênin, do debate sobre o caráter do taylorismo e sua adoção no socialismo na União Soviética (Wren; Bedeian, 2004), além de promover associações orientadas ao problema da organização do trabalho nos Estados Unidos e em outros países, como o IDORT no Brasil (Vizeu, 2018). E isso fez com que o taylorismo passasse a ser relacionado a aspectos além da produtividade do trabalho nas indústrias. Todos esses desdobramentos fáticos ajudam a justificar a importância da empreitada a respeito da problemática da gênese do pensamento taylorista que os antecedeu. Dito de outro modo, não é possível verdadeiramente conhecer o taylorismo à revelia do estudo de sua gênese como forma de pensamento.

Assim, o presente ensaio tem por objetivo caracterizar e analisar criticamente o método materialista na área de história da administração em relação à gênese do pensamento taylorista. Para tanto, alguns aspectos metodológicos são destacáveis. O presente texto dedica-se mais detidamente a um balanço crítico a respeito do assunto e, por isso, não envolve um tratamento de dados empíricos. Em termos de natureza, focaliza as características do método materialista de tal maneira que o texto é uma exposição das ideias por meio de um ensaio (Meneghetti, 2011). O ensaio se sustenta na discussão crítica junto a autores considerados primários para análise e outros secundários de suporte. Isso implica na seleção dos materiais analisados.

Nesse último sentido, são notoriamente poucos os pesquisadores que se reivindicam marxistas em história da administração e que tenham discussão a respeito da gênese do pensamento taylorista. Um levantamento no Google Scholar sem limite temporal mostrou isso. Aplicando-se em português e inglês o termo “marxismo”, com a frase exata “pensamento taylorista” e com no mínimo uma das palavras “história da administração”, resultou em nenhum e dois artigos respectivamente. A análise do conteúdo dos dois artigos em língua inglesa mostrou que eles não tratam da gênese do pensamento taylorista. De fato, é um recorte bastante delimitado apesar de sua importância.

Por esse motivo, um levantamento sistemático ou estudo bibliométrico (Araújo, 2006) não se mostraram eficazes e não substituíram o caráter mais exploratório da pesquisa realizada por meio da leitura acumulada de literatura representativa a respeito do assunto. Em alguns casos, certas obras marxistas em história da administração, e que sublinharam algo quanto à gênese do pensamento taylorista, foram identificadas por terem aparecido como referência em outros materiais. Assim, foram selecionadas obras a partir da pesquisa de livros e artigos nacionais e internacionais, nas quais o problema da gênese do ideário taylorista apareceu mais explicitamente. Recorremos, pois, ao recorte pela investigação de notórios autores selecionados dada a ligação com a história da administração em geral, e com o pensamento administrativo em particular, tendo o pensamento taylorista como uma de suas preocupações. Mais precisamente, selecionamos aqueles autores da história da administração que se posicionam de modo mais explícito no materialismo ou receberam declarada influência do pensamento marxista, possibilitando, assim, uma aproximação razoável da diferença específica do método materialista no que toca a gênese do pensamento taylorista.

De tal modo, a seguir serão apresentados aspectos sobre os fundamentos do materialismo acerca do tratamento da gênese que servirão de referência para a análise subsequente. Esses aspectos serão seguidos das aproximações realizadas por exemplares da literatura mais aderente quanto à gênese do pensamento taylorista e que se mostraram problemáticas quando comparadas àqueles fundamentos. Trataremos especialmente de Hanlon e Marshev como figuras destacáveis dessas aproximações problemáticas. Nos dois tópicos seguintes, consideraremos duas categorias destacadas (fatores histórico-econômicos e fatores do processo de trabalho) para considerar os avanços de outras aproximações, especialmente na figura de Braverman e desdobramentos. Em seguida, apresentaremos uma discussão de conjunto das questões suscitadas que será seguida, por fim, pelas considerações finais do artigo.

FUNDAMENTOS MATERIALISTAS PARA A GÊNESE DO PENSAMENTO TAYLORISTA

O objetivo desse tópico é delimitar os fundamentos do método materialista coerentemente considerados para a gênese das formações ideais e do pensamento taylorista

em particular. Isso proporcionará condições de avaliação das aproximações realizadas no campo da história da administração com respeito à gênese dessa formação ideal, conforme veremos nos tópicos seguintes.

Para tanto, consideramos o materialismo como a tradição intelectual decorrente dos estudos de Marx, mais precisamente reconhecendo a cientificidade a partir do entendimento que toma a “realidade social enquanto critério último do ser ou do não-ser social de um fenômeno” (Lukács, 2012, p. 284). O materialismo “vê a história como o processo de desenvolvimento da humanidade, sendo sua tarefa desvendar as leis dinâmicas desse processo” (Engels, 2015, p. 66). Esse procedimento ganha contornos específicos quando se direciona para a busca da compreensão de uma formação ideal, em particular naquilo que se toma por determinação social do pensamento.

A determinação social do pensamento se coloca como procedimento geral de fundamento para o método materialista no exame de formações ideais. Por isso se diz que “as condições sociais dominam os pensadores em questão sem que eles se deem conta disso, até em suas convicções mais originais, até em sua maneira de pensar, em seu modo de colocar os problemas etc.” (Lukács, 2020, p. 91). Considerando os elementos constitutivos da determinação social do pensamento, adquire interesse especial para o presente caso a gênese, como dito, que se refere exatamente aos elementos histórico-sociais os quais concorrem para que determinadas ideias surjam, uma vez que uma formação ideal não “paira acima do desenvolvimento social” (Lukács, 2020, p. 11). Não é diferente para o caso do taylorismo que, também como uma formação ideal, recebeu influência de uma série de desdobramentos que tiveram alcance mundial e de movimentos localizados nos Estados Unidos (Paço Cunha, 2020).

Nisso se vê que o procedimento genético é evidentemente histórico. Decorre disso o entendimento de que “classificar uma ideologia [entendida aqui no sentido de forma de pensamento] não é explicá-la, pois identificar sua natureza corresponde necessariamente a referi-la à totalidade concreta em que emerge” (Chasin, 1978, p. 59). Essa totalidade concreta de emergência tem a ver com o reconhecimento de tais formações ideais na qualidade de “expressão das condições e das necessidades de sua época” (Engels, 2015, p. 181).

Na medida em que as formações ideais não se explicam somente pela sua própria formulação, ou pela vontade de seus autores, é também importante considerar que “o caráter progressista de cada situação ou tendência de desenvolvimento é algo objetivo e com consequências que ocorrem, independentemente da consciência humana” (Lukács, 2020, p. 11). Trata-se, portanto, de identificar a natureza do procedimento genético em sentido vinculante às suas condições objetivas. Isso vale também para o pensamento taylorista, como elemento aqui destacado para efeito de comparação adiante com as aproximações do problema no campo da história da administração.

Mas a dificuldade desse tipo de procedimento genético não está em realizar, como é mais comum, uma lista dos fatores mortos com algum papel na gênese de certas ideias administrativas, de suas mudanças e desdobramentos em teorias reconhecidas, a exemplo do ideário taylorista. A enumeração não é de modo algum suficiente. A verdadeira dificuldade está em, tendo de partida a preponderância da base material como fator primário e como “terreno vivo” (Marx, 2013, p. 84), analisar as formas de pensamento correspondentes “a partir das condições reais de vida de cada momento” (Marx, 2013, p. 446), demonstrando, ao mesmo tempo, o protagonismo secundário de outros fatores que estão relacionados no todo articulado. Está aí implicado o conflito classista e suas ondulações. Ao lado das condições gerais, das propriedades do próprio estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista, das formas de consciência pregressas, das inflexões societais significativas etc., encontra-se a posição de classe dos pensadores envolvidos (Chasin, 2009; Paço Cunha, 2018). É preciso depreender as condições gerais, mas também particulares que envolvem o procedimento genético.

Assim, em termos essenciais, admitimos que o pensamento taylorista é um prolongamento ideal das condições essenciais que caracterizam a economia capitalista. Tratou-se de um ideário que expressou um “método particular de intensificação do trabalho que opera diretamente sobre a força de trabalho por meio do estudo dos movimentos realizados em um processo de produção, visando a diminuição da massa total de salário e a ampliação da produtividade por operário” (Paço Cunha; Guedes, 2021, p. 666).

Esse prolongamento ideal correspondeu a uma série de condições difíceis de serem consideradas separadamente, dadas as reciprocidades existentes no todo articulado. É incontornável ter em mente que nas circunstâncias de crise econômica dos Estados Unidos nos últimos 30 anos do século XIX, houve também o crescimento da composição orgânica do capital que criou não apenas exigências de produtividade crescente do trabalho, como também facultou a criação de níveis gerenciais. É decisivo considerar nesse conjunto as condições conflitivas entre capital e trabalho e a posição social (de nascença e prático-profissional) do próprio Taylor como personificação dos interesses econômicos do capital, a despeito de seu sincretismo incluir parcialmente certas reivindicações salariais e laborais. Igualmente importante é considerar o fato particular de que as experiências levadas a cabo pelo engenheiro norte-americano tiveram por palco setores produtivos de baixo desenvolvimento tecnológico, de alta dependência da força de trabalho o que, logo, colocou o processo de trabalho e o trabalhador como objetos centrais para alavancar a produtividade (Moraes Neto, 1986). É preciso considerar a generalização do modelo industrial-fábrica e, consigo, a colocação do trabalho assalariado nesse setor como objeto acabado e passível de ser analisado segundo aqueles propósitos orientadores do pensamento taylorista em aumentar a produtividade do trabalho e diminuir a massa salarial.

Disso resulta que é possível capturar o pensamento taylorista tanto como um modo analítico do processo de trabalho quanto um método proposto para intensificação do trabalho, pela eliminação de seus pontos improdutivos representados nos movimentos desnecessários: movimento do trabalho no tempo. O pensamento taylorista é coerentemente apreendido, em essência, como prolongamento ideal da tendência objetiva da subsunção real do trabalho ao capital em setores específicos da economia capitalista, mas prolongamento ativo, funcionando em seguida como alavanca dessa mesma tendência.

Essas considerações dão uma linha geral dos fundamentos materialistas orientadores da investigação da gênese do pensamento taylorista. A seguir, poderemos apreciar as aproximações frente a essa questão da gênese e as limitações mais frequentes quando comparadas a tais fundamentos.

APROXIMAÇÕES PROBLEMÁTICAS DA GÊNESE DO PENSAMENTO TAYLORISTA NO MÉTODO MATERIALISTA

Considerando o que chamamos de método materialista sobre o estudo da história do pensamento administrativo, é importante dizer que nem todos os autores ligados às mais diferentes tendências do materialismo têm um entendimento mais desenvolvido acerca dos pressupostos epistemológicos ou da metodologia para o estudo da história. À guisa de exemplo, Harry Braverman e a chamada *Labour Process Theory* (LPT), que se desenvolveu a partir dos seus estudos, não se dedicaram muito acerca do modo como se estuda a história da administração no materialismo, embora os aspectos do desenvolvimento histórico do taylorismo fossem de seu interesse.

Um dos autores que tratou deste assunto mais detidamente e está inserido no estudo da história da administração é Vadim Marshev (2021). Mais especificamente, ele tratou do estudo da história das ciências, particularmente da ciência administrativa. Segundo o autor,

Para a proposição de uma compreensão mais completa do desenvolvimento da ciência, é necessário estudar não apenas as mudanças na área do conhecimento científico. O tema da pesquisa histórica e científica inclui agora o desenvolvimento de relações específicas entre membros da comunidade científica que estão envolvidos em atividades científicas e estão em uma espécie de conexões historicamente mutáveis entre si (Marshev, 2021, p. 41).

Aproximadamente inspirado pelo materialismo, o autor assumiu a necessidade de considerar não somente o desenvolvimento científico específico, mas o contexto que dá aos pesquisadores as condições de elaborar esse desenvolvimento, o que remete de alguma forma ao materialismo. A esse respeito, Marshev chamou a atenção para o “método dialético” voltado ao estudo da história do pensamento administrativo que, uma vez “baseado no princípio do historicismo, exige reconhecer as realizações dos pensadores do passado, ao mesmo tempo em que enfatiza a natureza histórica e clássica de seus ensinamentos, avaliando a posição dos autores desses ensinamentos” (Marshev, 2021, p. 41).

Nessa direção, é importante notar que, para o autor, trata-se não somente de avaliar as teorias por si, ou o processo de elaboração dos pesquisadores, mas sua natureza histórica. Em outras palavras, “uma relação dialética objetiva entre o histórico e o lógico, bem como a existência em qualquer objeto de estudo científico das características de natureza universal,

especial e singular, exigem a consideração de uma série de fatores externos ao desenvolvimento da [história do pensamento administrativo]” (Marshev, 2021, p. 48). Certamente, essa necessidade de consubstanciar o desenvolvimento das teorias com as condições sociais é uma exigência para uma investigação materialista, e Marshev fez questão de sublinhar isso. Todavia, considerando a abordagem do autor russo sobre a gênese do pensamento taylorista em particular, é possível questionar se o autor realmente realiza o que propõe.

Um dos aspectos que considerou como elementares para a construção do pensamento taylorista foram as faculdades intelectuais do engenheiro, como podemos ler adiante:

Durante seu último trabalho, demonstrou incrível atividade criativa no estudo de mecânica, fazendo cursos noturnos e em casa, em 1883, recebeu formação em ensino técnico superior e um diploma em engenharia mecânica no Stevens Institute of Technology. Em 1884, Taylor tornou-se o engenheiro-chefe da empresa e, no mesmo ano, pela primeira vez, utilizou um sistema de pagamento diferenciado na empresa e, a partir de 1895, Taylor começou a realizar experimentos regulares, hoje famosos, sobre organização científica do trabalho. Durante esses anos, ele registrou cerca de 100 patentes para diversas invenções (Marshev, 2021, p. 416).

Para além da compreensão de que essa coleção de feitos do autor se configura na mera coleção de fatos mortos, sem que se apresentem os mais determinantes para o desenvolvimento do pensamento taylorista, não são apresentados quaisquer fatores que se referem aos aspectos econômico-sociais aos quais Marshev se referiu como necessários na empreitada, em seus termos, “historicista” de análise de formações ideais. Taylor é explicado pelas suas próprias experiências. Na sequência da argumentação, o evidente distanciamento do materialismo se confirma com ainda mais ênfase, pois os elementos explicativos trazidos por Marshev não avançaram para além das intenções do próprio Taylor:

Primeiro, Taylor acreditava que a legitimidade da gestão se baseava na sua capacidade de maximizar o bem-estar tanto dos empregadores como dos funcionários. Isto, acreditava ele, era necessário para o sucesso, uma vez que o interesse pessoal de ambos os grupos tem um efeito mutuamente estimulante. No longo prazo, um não pode existir sem o outro. Mas se se espera que os trabalhadores demonstrem a máxima produtividade, eles devem fazer o melhor que puderem, e isso exige que os gestores submetam o processo de trabalho a um estudo científico e ensinem aos trabalhadores as melhores formas de realizar o trabalho (Marshev, 2021, p. 416).

Ao partir dessa determinação do taylorismo, fundada nas crenças e nas experiências de Taylor, o autor russo chegou à conclusão de que a “administração científica foi uma espécie de ‘revolução intelectual’ que promoveu novos métodos de administração do processo de

trabalho” (Marshev, 2021, p. 417). Embora tivesse consciência dos aspectos necessários para uma análise materialista, o autor não a realizou para averiguar precisamente a gênese do taylorismo como forma de pensamento. São deixados de lado os “fatores externos”, julgados essenciais pelo próprio autor russo. Para ele, a gênese desse pensamento se bastou nos feitos, nas condições intelectuais e nas intenções do próprio Taylor. A história da análise genética não foi realizada, portanto.

Outro autor com uma abordagem que busca a gênese do pensamento taylorista a partir do materialismo é Gerard Hanlon, cujo trabalho é extensamente reconhecido, como apontado na introdução. Autor que, inclusive, tinha o entendimento de que Taylor estava “interessado na extração de mais-valor e na conformidade do trabalhador” (Hanlon, 2016, p. 162). Mas, assim como Marshev, Hanlon não buscou nos elementos sócio-históricos explicações para a gênese do pensamento taylorista. O que se aproxima de alguma gênese está, igualmente para este autor, em aspectos intrínsecos à subjetividade de Taylor. Na esteira do procedimento realizado por Marshev, afirmou Hanlon que o engenheiro estadunidense “sentiu uma necessidade moral de reorganizar o trabalho porque ele achava os trabalhadores invariavelmente desonestos quando eles controlavam o processo de produção” (Hanlon, 2016, p. 164). Em adição, Taylor “viu a cultura de grupo da oficina como decorrência de uma recusa em se submeter à disciplina do capitalismo e, portanto, como inerentemente imoral, coletivista, anti-lucro e que precisava de mudança” (Hanlon, 2016, p. 164). Ou seja, o pensamento taylorista foi obra tão somente dos desejos de seu arquiteto. As razões de seu desenvolvimento foram as constatações de Taylor acerca da necessidade de controle sobre os trabalhadores. É evidente que este aspecto não pode ser desprezado, mas as condicionantes do terreno econômico e social também devem ser explicitadas uma vez que conformam as condições pelas quais o pensamento taylorista se concretizou historicamente.

Hanlon (2016) foi considerado por Bowden (2020) como um exemplar do estudo marxista da história da administração. Mas sua abordagem é, na verdade, bastante eclética. Ao passo que afirmou ter sido “influenciado por variadas abordagens teóricas diferentes”, especificou nos detalhes se tratar de uma “tradição no Marxismo”, também “conhecida como trabalhismo e subsequentemente pós-trabalhismo”, além de engajar com “o trabalho de teóricos como Max Weber e Michel Foucault” (Hanlon, 2016, p. 23).

Ao mobilizar essa abordagem eclética – e de pouco rigor, diga-se –, o autor destacou o caráter “político” da administração. Escreveu que o “empenho da Administração era baseado no seu projeto político de expropriar conhecimento e subdividir o processo de trabalho... (p. 109). (...). Este é o objetivo da administração – remodelar as subjetividades do trabalho” (p. 110). Sem ter plena consciência, Hanlon “redescobriu” a discussão sobre o controle social combinado por meios subjetivos e objetivos, uma espécie de síntese teórica Taylor-Mayo da década de 1960 (cf. Etzioni, 1962) – ou ainda anterior, em um sentido mais prático-normativo (Drucker, 1946), e em sentido abrangente e explicativo da dimensão “subjetiva” que implicava o fordismo (Gramsci, 1934/2007). Para Hanlon a administração “combina os dois meios de controle” (Hanlon, 2016, p. 5), apresentando essa combinação (como fosse sua descoberta original) precisamente no sentido político de controle no processo de trabalho.

Em que pesem os problemas, é preciso fazer algumas concessões às contribuições desses autores, especialmente no caso de Marshev. Conforme podemos ler no trecho a seguir, Marshev destacou alguns aspectos biográficos, como a sua herança familiar, o que pode ser compreendido especialmente no fato de o engenheiro ser “sortudo de ter nascido em uma família relativamente rica e ter tempo de lazer suficiente para pensar nas fábricas situadas ao redor” (Marshev, 2021, p. 415). Do ponto de vista da análise materialista este fator certamente não pode ser desprezado. Este ponto é certamente necessário para considerar a gênese, pois ele explicita a ligação com a condição de classe, e foi de fato algo importante, até mesmo confessado por Taylor, como motivo de seu sucesso em convencer os patrões a aplicarem seus métodos.

Marshev e Hanlon são exemplares mais contemporâneos das tentativas alegadamente materialistas de buscar um fundamento genético do pensamento taylorista, mas podemos observar que os resultados de suas empreitadas ficam aquém de uma análise materialista quando comparados aos fundamentos descritos no tópico anterior. São aproximações, de fato, inspiradas pelo materialismo de forma declaratória, porém ainda distanciadas daqueles fundamentos mais correspondentes ao método se tomado coerentemente. A designação dos fatores biográficos não é desimportante, inclusive porque eles também jogaram algum papel na configuração do pensamento taylorista, mas considerá-los exclusivamente ou essenciais é insuficiente para a determinação da gênese, sobretudo porque a ausência das condições sociais que determinaram o surgimento do pensamento taylorista impede a realização da tarefa

fundamental de um estudo que busca a gênese, qual seja, apontar os elementos mais essenciais para o surgimento de determinado ideário em comparação a outros fatores de ordem secundária, ainda que relevantes.

ASPECTOS ECONÔMICO-HISTÓRICOS PARA A DETERMINAÇÃO DA GÊNESE DO PENSAMENTO TAYLORISTA

Por outro lado, ainda que não tenha desenvolvido uma discussão mais ampla em termos epistemológicos a respeito da história, a linha que decorre da herança bravermaniana avança um pouco no que diz respeito à análise da gênese. Há, de fato, uma busca mais explícita pelas condicionantes no desenvolvimento do pensamento taylorista além de Taylor.

Assim como os outros autores da tradição marxista, Braverman também destacou alguns elementos biográficos para caracterizar a gênese. Mas em vez destacar o gênio de Taylor, chamou a atenção para limitações do autor. Escreveu ele que “sua própria formação era limitada, mas apreendeu de modo superior a prática, nas oficinas, visto que trabalhou por quatro anos num misto de aprendizado em dois ofícios, o de modelador e maquinista” (Braverman, 1980, p. 86). Isso apareceu também em outros momentos. Podemos ler que:

Em sua constituição psíquica Taylor era um exemplo exagerado de personalidade obsessiva-compulsiva: desde a mocidade ele contava seus passos, media o tempo de suas várias atividades e analisava seus movimentos à procura de “eficiência”. Mesmo depois de ficar importante e famoso tinha algo de engraçado no aspecto, e quando aparecia na oficina despertava sorrisos (Braverman, 1980, p. 87).

Aspectos semelhantes foram identificados por autores brasileiros, como Tragtenberg, que também foi exemplar da crítica materialista, mas não esteve diretamente conectado com a linha bravermaniana, sendo na verdade antecessor a esta linha. O brasileiro destaca que Taylor “foi educado numa família de quakers, foi educado pela observação estrita do trabalho, disciplina e poupança. Educado para evitar a frivolidade mundana, converteu o trabalho numa autêntica vocação” (Tragtenberg, 1974, p. 73).

Braverman, no entanto, apresentou uma visão mais abrangente a respeito da gênese, buscando uma história que foi além do próprio autor, como dito. Ele procurou tematizar as ideias tayloristas pela sua gênese utilizando como linha argumentativa principal a evolução da divisão do trabalho. O autor entendia que as técnicas desenvolvidas por Taylor já estavam em gestação há alguns séculos. A especificidade do taylorismo foi caracterizada como uma

resposta a “um enorme aumento no tamanho das empresas, os inícios da organização monopolística da indústria, e a intencional e sistemática aplicação da ciência à produção” (Braverman, 1980, p. 82). Tal ponto, aliás genérico, também foi evidenciado por Tragtenberg. Segundo ele, a trajetória de Taylor foi “fundamentada sistematicamente num período de acumulação de capitais” (Tragtenberg, 1971, p. 11). Essa análise, que buscou em elementos econômicos a explicação para o desenvolvimento do pensamento taylorista, também é encontrada em alguns seguidores de Braverman, como Friedman. É possível ler que a:

ascensão do capitalismo monopolista na América se deu mais rapidamente do que na Grã-Bretanha durante o último quarto do século XIX, e Taylor representou apenas um dos muitos engenheiros que propuseram formas sistemáticas de gestão durante as décadas de 1880 e 1890. Sua mensagem foi claramente expressa na *Engineering Magazine* (criada em 1881) e nas *Transactions of the American Society of Mechanical Engineers* (criada em 1879). Uma gestão eficaz requeria uma tabulação sistemática dos fluxos financeiros, por um lado, e dos fluxos físicos, por outro. Taylor estava preocupado principalmente com a coordenação e a extensão da autoridade gerencial sobre a força de trabalho (Friedman, 1977, p. 92).

Para os autores, o estágio do capitalismo à época era um determinante fundamental que exigiu não somente a mobilização do próprio Taylor, mas de organizações voltadas para a sistematização da gestão. Portanto, tratou-se de uma inovação em meio à continuidade de uma tendência que vinha de longa data na elaboração e difusão de métodos de organização do trabalho. Como explicou Braverman,

A publicação de manuais de administração, as análises de problemas de gerência, e o enfoque cada vez mais requintado posto em prática na segunda metade do século XVI permite apoiar a conclusão dos historiadores do movimento da gerência científica de que Taylor representava a culminação de uma tendência preexistente (Braverman, 1980, p. 85).

Esses achados da linha bravermaniana são particularmente importantes, pois contribuem de forma mais determinante para uma análise materialista. O entendimento da inserção de Taylor no interior de um movimento precedente e que se avoluma com o avanço da acumulação de capital é essencial. Mais do que isso, há o destaque para o papel singular de Taylor. É possível ler ainda que “planejando o trabalho, organizando-o, dirigindo-o e controlando-o Taylor lança os termos básicos das funções administrativas” (Faria, 2011, p. 33), considerando que, dentro desse conjunto de continuidades, Taylor apresenta a formulação do que se conformou como pensamento administrativo enfatizando o papel da gerência.

Mas a caracterização desses elementos econômico-históricos vai além da linha bravermaniana. Num contexto de debate da aplicação do taylorismo no socialismo, Amelia Davenport asseverou aquela conexão profunda desse sistema de trabalho com as grandes corporações, advertindo a respeito de sua inadequação a um modo de produção socialista. Era o taylorismo uma “estrutura para organizar a sociedade em torno da produção em grande escala” e “é particularmente adequado para sociedades que mantêm uma divisão social do trabalho” (Davenport, 2021, p. 9). A autora também chamou a atenção para a posição de classe defendida pelos praticantes da administração científica. Escreveu que “embora seja verdade que a maioria dos Gestores Científicos praticantes estava ideologicamente alinhada aos direitos de propriedade, a maioria que não era socialista fora, no mínimo, reformadora progressista dentro da coligação pró-trabalhista do New Deal” (Davenport, 2021, p. 11). Esses aspectos confirmam o ideário taylorista como uma “ideologia” representante dos interesses do capital, voltada para o desenvolvimento da grande corporação capitalista.

Não é sem razão que a quase proverbial afirmação de Taylor, de “máxima prosperidade para a administração e para os trabalhadores”, estava precisamente inscrita nesse contexto de alavancar a acumulação, pois “o que se expressa de maneira mais extensa é a alavancagem da produtividade do trabalho sob as vestes da ‘prosperidade’ e da ‘eficiência’. Em outras palavras, a ‘organização racional do trabalho’ é resposta à acumulação; é uma forma de manifestação da acumulação” (Paço Cunha, 2020, p. 691). Também recebe destaque a necessidade de se considerar o pensamento taylorista como uma resposta às crises. Uma vez que essa forma de pensamento surgiu logo após a grande crise do capital no final do século XIX, “desponta-se indicação da prosperidade como não permanente, mas que a ‘organização racional’ garantiria períodos intermediários mais prósperos e as crises seriam menos violentas, menos frequentes e menos extensas” (Paço Cunha, 2020, p. 698).

Desse modo, percebe-se que um elemento destacado pelas tendências do método materialista é a tentativa de determinar os aspectos histórico-econômicos que condicionam o desenvolvimento do pensamento taylorista em conjunto com elementos biográficos do autor. É um dos direcionamentos principais que o método proporciona. Nesse sentido, é fundamental destacar o estágio de avanço do capital monopolista e da conformação das grandes corporações e a tentativa de recuperação da crise do final do século XIX. Em adição, não é possível ignorar o

próprio estágio de luta de classes nos Estados Unidos e a posição de Taylor nessa luta. O foco de Taylor no problema da produtividade tem como impulso primário essas demandas que se colocavam à luz do dia em seu expediente.

ASPECTOS LIGADOS AO PROCESSO DE TRABALHO PARA A DETERMINAÇÃO DA GÊNESE DO PENSAMENTO TAYLORISTA

Outro elemento essencial para tratar da gênese, considerando inclusive a pretensão do taylorismo na elevação da produtividade do trabalho, é a sua posição no processo de trabalho. Ou seja, trata-se de especificar na medida em que o taylorismo pode ser posicionado na relação entre organização do trabalho e base técnica. A este respeito, as abordagens ligadas ao materialismo também produziram contribuições.

Em primeiro lugar, como antecipado na seção anterior, é preciso dizer que o taylorismo estava inserido diretamente no conflito classista cujo palco fabril era incontestado. Desse modo, o pensamento taylorista “é também uma resposta ao acirramento da luta de classes. Isso se confirma pelas inúmeras indicações do problema e de como a ‘organização racional do trabalho’ implicaria a eliminação do conflito” (Paço Cunha, 2020, p. 678). Disso resulta alguns aspectos destacáveis, sobretudo a respeito do controle da força de trabalho. Afinal, “Frederick Winslow Taylor foi um dos primeiros teóricos a discutir a importância de retirar todas as habilidades mentais do trabalhador” (Stone, 1974, p. 141), desenvolvendo um sistema que criou o “monopólio do conhecimento, através do que controla cada uma das fases do processo de trabalho e os modos como o trabalho é executado” (Faria, 2011, p. 31).

A linha investigativa decorrente da tradição bravermaniana acentua essa tentativa a partir do seu aspecto político. É importante a ressalva de que a aplicação da ciência era entendida pelo autor pela mera derivação da “administração científica” taylorista. Ainda assim, fez a ressalva de que “o taylorismo pertence à cadeia de desenvolvimento dos métodos e organização do trabalho, e não ao desenvolvimento da tecnologia, no qual seu papel foi mínimo” (Braverman, 1980, p. 85). Ainda segundo Braverman,

Seu “sistema” era tão somente um meio para que a gerência efetuasse o controle do modo concreto de execução de toda atividade no trabalho, desde a mais simples à mais complicada. Nesse sentido, ele foi o pioneiro de uma revolução muito maior na divisão do trabalho que qualquer outra havida (Braverman, 1980, p. 86).

Braverman reconhecia a vinculação desse sistema com uma base técnica menos desenvolvida, mas também ressaltava seu destacado papel enquanto método de controle político do processo de trabalho. Nesse sentido, chamava a atenção a questão da relação com a base técnica. Segundo a argumentação de Friedman,

A gestão científica tayloriana pode ser vista como uma forma avançada de controle direto por meio da divisão do trabalho. Marx distinguiu entre a divisão social do trabalho e a divisão manufatureira do trabalho. Na divisão social do trabalho, o conjunto de diferentes empregos que produzem mercadorias distintas é dividido entre diferentes produtores. Na divisão manufatureira do trabalho, o processo de trabalho para produzir uma única mercadoria é subdividido entre diferentes trabalhadores. Finalmente, na gestão científica, os movimentos individuais dos trabalhadores são subdivididos e realocados entre os diferentes trabalhadores. Os trabalhadores são agora vistos como máquinas multifuncionais compostas de muitas unidades de movimento por unidade de tempo. Para Marx, a mecanização na fase da Indústria Moderna significou que os trabalhadores passaram a ser tratados como apêndices das máquinas. Agora, com o estudo do tempo e do movimento, os trabalhadores são vistos como máquinas humanas, independentemente da sua proximidade com máquinas físicas (Friedman, 1977, p. 92).

Tal discussão remete à própria distinção feita por Marx entre a subsunção formal e a subsunção real do trabalho. Na primeira, há o comando e a supervisão do trabalho como propriedade alheia ao produtor enquanto meio de valorização do capital sem, necessariamente, “causar a menor alteração de qualquer tipo no modo de produção ou nas relações sociais dentro das quais a produção ocorre” (Marx, 1993, p. 262). A segunda se realiza quando ocorre a transformação das condições do trabalho em propriedade do capital. O trabalhador “agora está sob o controle do capital não mais porque não tem os meios de trabalho, mas por causa de sua própria capacidade de trabalho, a natureza e a maneira de seu trabalho” (Marx, 1993, p. 279).

Considerando a argumentação de Friedman acima, é possível compreender que o taylorismo é localizado exatamente nesse conjunto de métodos que levaram à consolidação da subsunção real do trabalho ao capital. E o próprio pensamento taylorista foi motivado por esse processo que ocorria nas fábricas, incumbindo-se de dar a ele um caráter mais sistematizado, de modo a alavancar a produtividade nos setores manufatureiros.

Essa é uma discussão que apresenta outro aspecto central na análise do pensamento taylorista, justamente sua adequação como método de organização do trabalho, a um estágio tecnológico mais rudimentar da produção. Em geral, a linha bravermaniana considera o

taylorismo mais propriamente a partir dos aspectos de controle político do trabalho e também o conecta à grande indústria por conta do impulso de aplicar a ciência à organização das grandes corporações, como pôde ser visto na última passagem de Friedman. No interior da tradição materialista, esta posição recebeu algumas contestações. Seguindo uma linha argumentativa diferente (Sartelli; Kabat, 2014; Moraes Neto, 1986; Paço Cunha; Guedes, 2021), também existe a defesa de que a análise de talhe “politicista”, voltada unicamente para os aspectos ligados ao controle do processo produtivo, é uma inadequação diante do fato de que o taylorismo representou um passo adiante no paroxismo da divisão do trabalho manufatureira, ou seja, num setor tecnologicamente regredido que o manteria distante do sistema de máquinas da grande indústria.

Seja como for, a linha bravermaniana, ao trazer à baila o problema do processo de trabalho, aponta para outro aspecto central na determinação da gênese. A este respeito, é central colocar em tela as colocações de Moraes Neto a respeito do problema. O autor tem Marx como ponto de partida. Especialmente a discussão a respeito da cooperação, manufatura e grande indústria. Segundo a argumentação de Moraes Neto, o taylorismo foi uma resposta tardia ao desenvolvimento técnico do capitalismo. Enquanto os setores mais avançados se encontravam no estágio da grande indústria, o taylorismo era um método de aceleração da produtividade pertencente ao estágio manufatureiro, voltado para o trabalhador e suas ferramentas. Em contraste, para setores mais avançados, “em uma fase mais adiantada do desenvolvimento do capitalismo, (...) a forma mais desenvolvida já está dada historicamente: introdução da maquinaria” (Moraes Neto, 1986, p. 32). A consequência do taylorismo, para ele foi

Exacerbar o uso do ser humano como instrumento de produção, ou seja, lastrear a produção em massa nos movimentos do trabalho vivo, não significa uma forma avançada de produção, pois de forma alguma encaminha na direção da desescravização do homem do trabalho. Trata-se, isto sim, de um desvio mediocrizante do capitalismo (Moraes Neto, 2002, p. 56).

Trata-se de um importante destaque, pois não fossem as condições regredidas do setor metalúrgico, no qual Taylor desenvolveu seus métodos e que contrastava com setores já tecnologicamente mais avançados, não haveria condições suficientes para que o taylorismo tivesse existido como forma de pensamento. Em outros trabalhos, fica destacado como esse desenvolvimento técnico desigual é fundamental para que não tenha existido taylorismo em

outros setores, pois “a aplicação da administração científica não encontraria terreno fértil no setor têxtil em razão do desenvolvimento das máquinas e do alto grau de produtividade já alcançado” (Paço Cunha; Guedes, 2021, p. 677).

Nessa linha do processo de trabalho, outro aspecto importante elegido por Braverman, que expressou a relação de Taylor com a regressividade tecnológica, é continuidade dada por Taylor aos trabalhos de Babbage. Babbage aplicou o “mesmo conceito à divisão do trabalho mental, e que imaginou uma ‘máquina’ de calcular” (Braverman, 1980, p. 85). Destacou Braverman, contudo, a especificidade do pensamento taylorista perante seus predecessores:

A gerência, insistia ele [Taylor], só podia ser um empreendimento limitado e frustrado se deixasse ao trabalhador qualquer decisão sobre o trabalho. Seu “sistema” era tão somente um meio para que a gerência efetuasse o controle do modo concreto de execução de toda atividade no trabalho desde a mais simples à mais complicada (Braverman, 1980, p. 86)

Nesse sentido, Braverman se concentrou consideravelmente à análise política do problema embora, ao mesmo tempo, tenha dado ênfase ao processo de trabalho (Sartelli; Kabat, 2014). O objetivo, mais do que a extração de produtividade do trabalho, era, segundo Braverman, o de controlar politicamente o processo de trabalho, desqualificando o trabalho. Nessa direção, é importante também o entendimento de que o “taylorismo emergiu como um caminho para superar os limites que o capitalismo pré-científico enfrentava” (Davenport, 2021, p. 5). Esses limites eram dados evidentemente pela precariedade técnica dos métodos de organização do trabalho, mas ao mesmo tempo eram os únicos limites possíveis de serem superados pelo taylorismo.

Com efeito, o taylorismo como formação ideal de conteúdo delimitado somente foi possível dadas as condições objetivas marcadas por um grau tecnologicamente arcaico. Se a experiência de Taylor tivesse ocorrido em setores mais sofisticados à época, como o setor têxtil já desenvolvido em termos maquinais, seu conteúdo necessariamente seria outro.

DISCUSSÃO

Os autores aderentes ao método materialista que desenvolveram análises sobre a gênese do taylorismo possuem contribuições que vão ao encontro dos aspectos mais essenciais para uma determinação materialista da gênese de uma formação ideal, a qual se apresenta

como uma resposta às condições e necessidades impressas pelo processo de desenvolvimento do capital na virada para o século XX nos Estados Unidos. A totalidade e articulação dos elementos que compõem e caracterizam esta época são determinantes para entender o terreno sobre o qual o pensamento taylorista foi forjado.

Os fundamentos apresentados no segundo tópico deste ensaio nos permitiram trazer os elementos necessários para compreender as formações ideais a partir do terreno vivo das contradições gerais enfrentadas pelo capitalismo (Marx, 2013; Chasin, 1978), dentre elas os dilemas enfrentados para a acumulação do capital e os conflitos de classe que suscitam. Ao mesmo tempo, nos permite compreender as condições particulares, tais como a influência de pensadores pregressos a Taylor, as mudanças sociais importantes da época e a própria posição de classe do autor sob análise (Paço Cunha, 2018).

De modo geral, as linhas que se inspiram no método materialista combinam elementos que são fundamentais para a determinação da gênese do pensamento taylorista. A configuração destes elementos neste todo articulado é que detém carga explicativa diferente para a gênese do ideário taylorista.

Um elemento frequente, mas não inteiramente comum, nas explicações da gênese foi a biografia de Taylor, variando em termos positivos e negativos. Variou também quanto ao propósito de demarcar a posição de classe do autor, a influência das condições tecnologicamente regredidas nas quais se deu sua atuação profissional ou meramente de remissão ao perfil psicológico desse engenheiro. Nesse último sentido em particular, não é demais identificar sua presença entre analistas clássicos brasileiros (e.g. Ramos, 2009; Tragtenberg, 1974) que deram considerável ênfase à subjetividade e religiosidade de Taylor como fatores explicativos para a gênese das ideias taylorianas.

Não obstante a frequência desse elemento e de sua variação, identificamos considerável heterogeneidade interna, bem maior do que se esperaria diante dos traços fundamentais do método materialista. Isso é importante pois auxilia no escrutínio do desenvolvimento do próprio método na área da administração e de suas contribuições para a gênese do taylorismo como formação ideal.

Por um lado, é possível identificar algum desenvolvimento consistente sobre os pressupostos epistemológicos e da metodologia para o estudo da história da administração e

da gênese do pensamento taylorista nessa linha embora a realização da investigação propriamente dita possa ser discutida. Marshev (2021), por exemplo, apontou a importância das condições sociais para o desenvolvimento das teorias, mas se ateve aos feitos, às condições intelectuais e às intenções do próprio Taylor. Hanlon (2016) apontou na mesma direção, sublinhando a motivação intelectual de Taylor e centrando sua análise no aspecto político do controle sobre o trabalho. Tanto em Marshev quanto em Hanlon, o ecletismo teórico contribui para alocar como elemento explicativo principal os aspectos subjetivos de Taylor para a gênese do taylorismo. E esse resultado nos parece explicativo para certo distanciamento das análises dos autores em relação aos fundamentos do método materialista voltado ao estudo da gênese das ideias, aproximando-os inadvertidamente da tendência gerencial como no exemplo de Wren (1972). Não é desimportante registrar que o ecletismo de Hanlon o aproxima também das análises pós-modernas e sua ênfase nas questões políticas (Cumings et al., 2017).

Por outro lado, a tradição bravermaniana construiu uma análise mais ampliada, levando em conta os aspectos do terreno socioeconômico e caracterizando sua preponderância na forja do pensamento tayloriano, sublinhando, ao mesmo tempo, características biográficas do autor, embora com propósitos distintos. Destacaram-se, ao menos em um sentido mais genérico, aspectos como o desenvolvimento das grandes corporações e a luta de classes. Dessa maneira não se analisou a figura de Taylor somente por meio de suas qualidades, mas como uma articulação entre sua posição de classe, determinante na sua formação, e o desenvolvimento de uma obra interessada na elaboração de medidas de gestão auxiliares às grandes corporações emergentes. Como um representante dos interesses do capital, evidenciado inclusive por sua expressa posição diante do conflito de classe, Taylor foi uma espécie de síntese de elaborações progressas sobre técnicas de organização do trabalho. Braverman mesmo sugeriu o taylorismo como o ponto culminante de uma tendência que vinha desde os escritos de Babbage, cujo objetivo era qualificar os métodos de aumento da produtividade por meio da organização do trabalho. Com Taylor esse aspecto ganhou traços mais definidos dado o estágio de acumulação e organização do grande capital nos Estados Unidos na transição entre os séculos XIX e XX.

As dificuldades dessa tradição estão especialmente fundadas no tipo de problemática principal para a qual está voltada. Sabemos que a orientação principal foi o processo de trabalho e suas transformações. Nisso, o pensamento taylorista se apresentou como síntese de

tendências anteriores. Nessa focalização, a tradição se deteve em demasia na questão política do controle sobre o processo de trabalho, assumindo assim a prioridade analítica (Sartelli; Kabat, 2014). Esses apontamentos sugerem uma insuficiência nessa tradição bravermaniana de estudos sobre a gênese propriamente do taylorismo como formação ideal. Ainda que a questão sobre processo do trabalho e do taylorismo em seu desenvolvimento seja algo central, poderíamos mesmo perguntar se seria possível a reta compreensão da natureza do taylorismo, como pretende tal tradição, sem o entendimento explicativo de sua gênese histórica como forma de pensamento.

Assim, se o ecletismo de Marshev e Hanlon buscou explicações em fatores subjetivos, a tradição bravermaniana mostrou-se hipossuficiente ao estudo da gênese do taylorismo como formação ideal. Esses aspectos ajudam a explicar a existência de uma heterogeneidade entre os assim considerados marxistas na pesquisa histórica em administração e certo afastamento ou mesmo ausência dos fundamentos do método materialista voltado, no caso, à análise da formação das ideias administrativas.

Mas há também tendência com maior aderência àqueles fundamentos do método materialista e que se mostra, portanto, mais promissora. Desdobra-se em duas direções. Na primeira direção está a caracterização do pensamento taylorista como um método de ampliação da produtividade do trabalho e rebaixamento da massa de salário em setores tecnologicamente menos desenvolvidos, o que foi essencial para que o taylorismo tenha afinidades aos processos nos quais a força de trabalho era o fator principal (Moraes Neto, 1986; 2002; Paço Cunha; Guedes, 2021; Sartelli; Kabat, 2004). A gênese do pensamento taylorista teve por pressuposto, portanto, dadas condições objetivas tecnologicamente arcaicas quando comparadas às aplicações de maquinaria então existentes na indústria têxtil, fabricação de latas e indústria química, para citar alguns exemplos. Em uma segunda direção está a devida focalização de fatores decisivamente explicativos, como o papel das crises econômicas, do tamanho, complexidade e níveis gerenciais das empresas, além do incremento do conflito classista que antecederam o surgimento do taylorismo como formação ideal e resposta a essas condições objetivas (Paço Cunha, 2020).

São elementos que fugiram ao ecletismo e à insuficiência anteriormente identificadas. Não significa que os elementos políticos de controle da produção e subjetivos não estiveram

presentes. Na conjugação dos fatores articulados, mesmo com a presença de ímpeto de controle ou de certo perfil biográfico, o pensamento taylorista não teria se forjado na ausência de condições objetivas habilitadoras, tais como aquelas condições da economia capitalista amadurecidas durante o século XIX e aquela baixa qualidade tecnológica dos setores produtivos em que se desenvolveu. Isso tudo sugere que o estudo genético das formações ideais avançou muito pouco no campo da história da administração. Especificamente no caso do pensamento taylorista, parece haver um déficit analítico dessa problemática que está na base do estudo das ideias administrativas. O modo como o método materialista se desenvolveu no campo da história das ideias administrativas indica ainda uma imaturidade quanto ao problema da gênese. Isso coloca em dúvida a sua corrente potência explicativa e crítica, porquanto a autêntica compreensão da formação ideal em tela depende do reto entendimento de sua constituição histórica sob o risco de limitar-se a elementos importantes, porém, secundários no todo articulado que possibilitou objetivamente aquelas ideias administrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensaio teve por objetivo caracterizar e analisar criticamente o método materialista da história da administração em relação à gênese do taylorismo como forma de pensamento. Para tanto, procuramos levantar os aspectos de diferentes abordagens ligadas ao método materialista de investigação da história da administração para a determinação dessa gênese.

Como dito, a escolha dos autores visitados respeitou a delimitação daqueles que estão vinculados diretamente à história da administração e que apresentaram considerações a respeito da gênese do pensamento taylorista. É um recorte bastante delimitado. Nesse sentido, uma limitação dessa abordagem é não realizar levantamento sistemático nas bases de dados. Não obstante, como os autores nessa delimitação são realmente muito poucos – tal como justificado na introdução –, a abordagem adotada se mostrou alinhada ao objetivo mirado.

Dos resultados colecionados, foi possível observar que há alguns pontos destacáveis para a compreensão da gênese do pensamento taylorista no método materialista, com destaque para a linha bravermaniana e seus seguidores. Especialmente a ênfase dada aos fatores essenciais, tais como o estágio de desenvolvimento do capitalismo e as condições técnicas e de correlação de forças na luta de classes no período em que o taylorismo se desenvolveu como

forma de pensamento, bem como os aspectos relacionados à biografia de Taylor que ajudam a explicar sua posição de classe. Também foi possível mostrar como esse ideário é apreendido a partir da sua função na formulação de um pensamento administrativo voltado para a gerência da linha de produção em algumas grandes empresas e como método de extração de produtividade do trabalho ligado a setores tecnologicamente menos desenvolvidos.

De modo geral, como apresentamos, o método materialista coerentemente apreendido exige que se apreenda os aspectos essenciais e secundários que explicam a gênese de determinada formação ideal, o que é diferente da mera coleção de fatos mortos. Diante dos fatores explicativos colecionados no método materialista, é possível considerar que aqueles elementos muito ligados aos desejos e vontades de Taylor não são desimportantes, mas são secundários mediante aqueles essenciais. Por isso, também é possível indicar que, diante da coleção de evidências das abordagens do método materialista, há, por um lado, uma tendência mais explícita em apresentar fatos intrínsecos à individualidade de Taylor sem as mediações necessárias e suas devidas articulações, como vimos nos trabalhos de autores como Marshev e Hanlon. Isto é, os elementos apresentados por eles não destacam quais são os aspectos que realmente determinaram a existência do taylorismo como forma de pensamento. Ainda que esses fatos sejam verdadeiros e possuam força explicativa para a gênese no pensamento tayloriano, não é possível identificar nos autores a busca por uma explicação da gênese a partir dos aspectos mais determinantes do terreno econômico-social, procedimento incontornável para uma análise materialista. Entendemos que esses autores se conectam conscientemente ao materialismo, mas não de maneira prática e integralmente consequente. Assim, a ausência de uma determinação mais clara da gênese é sintomática e talvez possa ser colocada como algo a ser realizado no tratamento dado por esses autores.

A linha que deriva de Braverman, por sua vez, dedicou algum espaço para a tentativa de determinar a gênese do pensamento taylorista. Despontaram elementos para além da posição de classe de Taylor, como o seu papel na difusão da já criada “administração científica”, além de jogar luz para o problema do processo de trabalho. Para essa linha, seria possível dizer que esses aspectos seriam os mais primários. Além disso, é preciso sublinhar como o debate sobre o processo de trabalho gerou aprofundamentos e contrapontos posteriores com figuras como Moraes Neto, que ajudaram a dar um entendimento ainda mais preciso do problema.

Por outro lado, foi possível também constatar, por meio de materiais de variados autores expoentes da história da administração, como Bowden (2020), que a compreensão é bastante restrita a respeito do materialismo nesta seara. Como apresentamos, além de Hanlon, autores marxistas de vários lugares e linhas teóricas contribuíram com a determinação da gênese do ideário taylorista, destacando elementos importantes que podem orientar pesquisas futuras para o reto entendimento do ideário taylorista. Os autores materialistas secundarizados pela literatura dominante são, inclusive, aqueles que mais contribuições deram para a análise de gênese do pensamento taylorista. A coexistência entre diferentes graus de aderência aos fundamentos materialistas para a determinação da gênese do pensamento taylorista em particular sugere a heterogeneidade existente entre os próprios autores afeitos a essa abordagem. Poderíamos mesmo falar de “marxismos”. Esse caráter diferenciado é pouco conhecido na própria academia e, portanto, também suas contribuições para o tipo de estudo em questão. A pesquisa futura no assunto deve contemplar a delimitação de tais contribuições e a comparação com outros métodos, especialmente aqueles muito visitados hodiernamente, tais como os de inclinação gerencial (Wren; Bedeian, 2017) e os de vetor pós-moderno (Cummings et al., 2017). Assim, cabe continuidade da pesquisa a respeito das especificidades de tais métodos e uma comparação correspondente entre eles.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, v. 12, n. 1, p. 11-32, 2006.
- BOWDEN, B. Management History in the Modern World: An Overview. In BOWDEN et al. **The Palgrave Handbook of Management History**. Cham: Palgrave Macmillan. 2020.
- BRAVERMAN, H. **Trabalho e Capital Monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar. 1980.
- CHASIN, J. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo. 2009.
- CHASIN, J. **O integralismo de Plínio Salgado**. São Paulo: Editora Ciências Humanas. 1978.
- CUMMINGS, S., BRIDGMAN, T., HASSARD, J., ROWLINSON, M. **A New History of Management**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- DAVENPORT, A. **Materialist history or critical history: A reply to Jean allen**. Cosmonaut. 2021.

- DUNCAN, W. J. The History and Philosophy of Administrative Thought: A Societal Overview. **Business & Society**, 11(2), 24-30. 1971. <https://doi.org/10.1177/000765037101100204>
- DRUCKER, P. **The Concept of the Corporation**. New York: The John Day Company. 1946.
- ENGELS, F. **Anti-Duhring**. São Paulo: Boitempo. 2015.
- ETZIONI, A. **Modern Organizations**. New Jersey: Prentice Hall. 1964.
- FARIA, J. H. **Economia Política do Poder**. Vol 2. Curitiba: Juruá. 2011.
- FRIEDMAN, A. **Industry and Labour: Class Struggle at work and monopoly capitalism**. Londres: Macmilan press. 1977.
- GEORGE, C. (**The history of management thought**. New Jersey: Prentice Hall. 1972.
- GRAMSCI, A. **Americanismo e Fordismo**. In: GRAMSCI, A. Cadernos do Cárcere Vol. 4. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.
- HANLON, G. **The Dark Side of Management**. Routledge. 2016.
- LUKÁCS, G. **A Destruição da Razão**. São Paulo: Instituto Lukács. 2020.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo. 2012.
- MARSHEV, V. **History of Management Thought**. Springer. 2021.
- MARX, K. **O Capital**. Livro I. São Paulo: Boitempo. 2013.
- MARX, K. **Grundrisse**. Londres: Penguin. 1993.
- MENEGHETTI, F. K.. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 320-332, mar. 2011.
- MORAES NETO, B. R. de. Maquinaria, taylorismo e fordismo: a reinvenção da manufatura. **Revista de Administração de Empresas**, v. 26, n. 4, p. 31-34, out. 1986. <https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/39034>
- MORAES NETO, B. Marx, Taylor e Ford no final do século: reflexões sobre o trabalho e cidadania. **ORG & DEMO**, n.3, p.55-60, 2002.
- MOTTA. F., P., VASCONCELLOS, I. **Teoria Geral da Administração**. 4 ed. São Paulo: Cengage Learning. 2021.
- MULDOON, J. Methodologies Within Management History. In BOWDEN et al. **The Palgrave Handbook of Management History**. Cham: Palgrave Macmillan. 2020.
- PAÇO CUNHA, E. Ciência Revolucionária: Manifesto e Miséria da Filosofia. **Sapere Aude**, 9(18), 161-177. <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2018v9n18p161-177>. 2018.

- PAÇO CUNHA, E. Gênese do taylorismo como ideologia: acumulação, crise e luta de classes. **Organizações & Sociedade**, v. 27, n. 95, p. 674–704, out. 2020. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/28867>. 2020
- PAÇO CUNHA, E.; GUEDES, L. T. A incongruência do taylorismo à indústria têxtil como sistema de máquinas no Brasil e nos Estados Unidos. **Revista Eletrônica De Administração**, 27(3), 663–692. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/110072>. 2021.
- POLLARD, H. **Developments in management thought**. London: Heinemann. 1974.
- RAMOS, A. G. **História da organização racional do trabalho**. Brasília: CFA. 2009.
- SARTELLI, E.; KABAT, M. Onde está errado Braverman? A resposta marxista às críticas politicistas. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, RJ, v. 12, n. 4, p. 829 a 850, 2014. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/15865>. Acesso em: 6 abr. 2024.
- STONE, K. The origins of job structures in the steel industry. In: **Labor market segmentation**. Boston, D.C. Heath, 1975.
- TRAGTENBERG, M. A teoria geral da administração é uma ideologia?. **Revista De Administração De Empresas**, 11(4), 7–21. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901971000400001>. 1971.
- TRAGTENBERG, M. **Burocracia e ideologia**. São Paulo: Ática. 1974.
- VIZEU, F. IDORT e difusão do management no brasil na década de 1930. **Revista de Administração de Empresas**, v. 58, n. 2, p. 163–173, mar. 2018.
- WITZEL, M. **A history of management thought**. London: Routledge. 2012.
- WREN, D. **The evolution of management thought**. The Ronald Press Company. 1972.
- WREN, D.; BEDEIAN, A. **The Evolution of Management Thought**. 7 ed. Wiley. 2017.
- WREN, D.; BEDEIAN, A. The Taylorization of Lenin: rhetoric or reality?. **International Journal of Social Economics** Vol. 31 No. 3, 2004 pp. 287-299. 2004..
- WOLIN, S. **Politics and vision**. Londres: Allen and Unwin, 1961

Submetido em 06/09/2024
Aprovado em 02/05/2025